

Medidas do governo devem ser a pauta

■ Mais do que reorganizar o calendário letivo e gerir os possíveis conflitos, cabe às escolas uma postura ativa em relação à abertura do diálogo para as questões que motivaram a mobilização dos estudantes secundaristas — a MP 746, que trata da reforma do ensino médio, e a PEC 55 (241), que limita os gastos públicos.

Tal recomendação é defendida por especialistas e parte, inclusive, da Secretaria de Estado de Educação (Seed).

A secretária da pasta, Ana Seres, afirma que há a orientação para que as escolas da rede estadual autorizem esse trabalho e se organizem para discutir esses temas.

“Tivemos uma reunião com os chefes dos Núcleos Regionais de Educação [nos dias 8 e 9 de novembro], que devem repassar essa informação aos diretores e equipes pedagógicas. Nós pedimos às escolas as duas coisas: que o conteúdo proposto seja dado e que também se discuta esse momento, que deixou marcas que precisam ser cicatrizadas. Os professores que se sentirem à vontade para discutir o tema de forma coerente poderão fazê-lo, indepen-

dentemente da disciplina que lecionem, desde que isso tenha sido aprovado pela escola”, explica.

O roteiro desse trabalho, segundo a secretária de Educação, deve contemplar uma análise da MP 746 de forma madura e coerente para que seja viabilizado o debate saudável e para que os alunos possam sugerir propostas.

Para isso, ainda de acordo com Ana Seres, os Núcleos Regionais têm repassado às escolas a íntegra da medida provisória, as emendas anexadas ao texto e as informações sobre sua tramitação.

A professora do departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Educa-

ção da **Unicamp**, Ângela Soligo, concorda com essa proposta. Para ela, é importante que a discussão aconteça neste momento, o que não significa abrir mão dos conteúdos, mas sim uma oportunidade de “ressignificá-los” a partir dessa experiência.

“Fazer de conta que nada aconteceu pode ser patológico. A escola precisa aproveitar esse momento para ocupar este lugar de importância que ela ganhou junto aos estudantes, que estão brigando por ela”, completa.

Sala de aula

Os alunos também são favoráveis à continuidade do diálogo para que seja possível

compreender as propostas. Para o estudante Pedro, aluno do terceiro ano que é contrário às ocupações, essa discussão deveria ser realizada com calma, pois sem tempo ela pode não ser produtiva. Ele acredita que devem participar do diálogo principalmente os alunos que não estão concluindo o ensino médio.

“Isso envolve nosso cotidiano e a esfera de formação política das pessoas, o que é algo muito importante. Se você é alienado politicamente, não consegue ter uma discussão nem eleger ninguém que vá te representar”, completa Heitor, estudante do terceiro ano que participou do movimento de ocupação.